

A INDÚSTRIA LÍTICA EM TRÊS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO SUDESTE DO PIAUÍ (NOTA PRÉVIA)

JACIONIRA SILVA ROCHA

Membro da Missão Franco-Brasileira no Piauí

Os vestígios pré-históricos no Nordeste brasileiro acham-se em extensas áreas que se estendem do litoral ao interior. No litoral, as evidências mais freqüentes são conchas de moluscos, restos de ali mentação acumulados ao longo do tempo, resultando em sítios arqueológicos do tipo aberto, ao ar livre, denominados "concheiros" ou sam baquis. No interior os testemunhos do homem pré-histórico são encon tráveis não só em sítios abertos, como em sítios fechados, "abrigos" - pequenas aberturas nas encostas dos morros e "serras" provocadas pela erosão - ou sítios encobertos, localizados nos espaços entre blocos próximos apoiados uns aos outros. Nesses sítios os vestígios mais freqüentes são o material lítico, a cerâmica e os trabalhos ar tísticos - pinturas e gravuras - executados nas paredes dos abrigos, nos blocos de pedra isolados e nos rochedos às margens dos rios.

Esses vestígios, sobretudo a arte rupestre, mais facilmente percebida pelos locais onde foi realizada, vêm exercendo grande fas cínio em viajantes e cientistas desde o período colonial. Esses observadores deixaram raras, vagas e imprecisas referências sobre eles, quase sempre entremeadas de interpretações fantasiosas. Nas primeiras décadas do século atual, localizados por paleontólogos e geógra fos em suas excursões de pesquisa, são mencionados por esses estudosos em seus trabalhos científicos sem estarem, contudo, associados aos dados indispensáveis a um estudo arqueológico.

A necessidade de uma explicação racional para esses testemu nhos e a ameaça de destruição pela ação do homem moderno despertaram a atenção dos arqueólogos, que nas duas últimas décadas vêm se empenhando em estudos sistemáticos nos mais diversos pontos da re gião nordestina.

No que concerne ao Piauí, mais precisamente ao Sudeste desse Es tado, as pesquisas tiveram início em 1970, na área compreendida entre os paralelos 8°28'4"S e 9°00 S e os meridianos 42°00 O e 43°01'6"O,

aproximadamente, abrangendo o município de São Raimundo Nonato e parte dos municípios vizinhos, sendo a mais extensa e mais importante do Piauí, não só pela quantidade, como pela qualidade de suas jazidas arqueológicas.

O estudo da arte rupestre antecedeu às escavações, que só teriam início três anos depois, em 1973, com a constituição da Missão Arqueológica Franco-Brasileira. Desde então, tradições, estilos e variedades foram definidos e grande quantidade de vestígios foram resgatados do solo no decorrer dos trabalhos de campo: esqueletos, artefatos de pedra, cerâmicas, objetos rituais, restos de alimentação e fogões.

Entretanto, se a arte parietal encontra-se em uma fase adiantada de estudo, o mesmo não ocorre à tecnologia lítica, objeto do trabalho. Nela, a análise da técnica de fabricação do artefato lítico restringe-se ao material coletado em três sítios da área de São Raimundo Nonato.

Trata-se do material escavado nos abrigos Toca da Boa Vista I e Toca da Boa Vista II, localizados na Serra do Tapuio, e Toca da Serra do Bojo I, situado na serra epônima, ambas ramificações da Serra da Capivara, denominação local da Serra do Bom Jesus do Gurguéia. Compreende um total de 1.800 peças do total geral de 15.000 peças já coletadas na área, correspondendo a um corte de tempo entre 9.850 ± 120 anos BP a 5.090 ± 110 anos BP, compreendido em um período que, até o momento, tem início em 31.500 ± 900 anos BP e estende-se até 1690 ± 110 anos BP¹.

A seleção desse material, que obedeceu a critérios de caráter intrínseco e extrínseco, estabelecidos a partir de uma observação preliminar, levou em consideração a presença de elementos comuns na técnica de fabricação dos artefatos líticos nesses três sítios e a recorrência desses elementos durante toda a ocupação dos abrigos, bem como a semelhança estrutural e a relativa proximidade temporal entre os sítios, que apresentam ainda um outro aspecto comum: um longo processo de ocupação.

Apesar dessas características semelhantes, as três unidades culturais apresentam caracteres individualizantes como sepultamentos, tipos de rocha utilizada como matéria-prima dos artefatos, variáveis de sítio para sítio, bem como as dimensões dessas peças e indícios da presença de duas culturas, possivelmente de origens diferentes, levantados pelo estudo da arte rupestre no único sítio em que aparece.

Os elementos dessas estruturas arqueológicas, que não constituem objeto principal do estudo aqui proposto, estão sendo analisados em laboratórios especializados, à exceção da arte rupestre, que já teve seu estudo concluído. Os resultados dessas análises, entretanto, integrarão a pesquisa da indústria lítica no nível de interpretação, a fim de que essas estruturas possam ser compreendidas, o que seria impossível em seus componentes isolados.

Os artefatos de pedra das culturas do Sudeste do Piauí tiveram seu estudo iniciado em 1978, com a ampliação da equipe e conseqüentemente, dos trabalhos da Missão Franco-Brasileira, portanto, tardiamente em relação ao da arte rupestre. Até o momento esse estudo tem sido realizado em caráter parcial e preliminar, sob diferentes técnicas e métodos, desvinculado de uma abordagem teórica pré-estabelecida, tendo em vista uma meta imediatista: a descrição do material².

O material lítico é, sem dúvida, um dos mais importantes testemunhos das culturas pré-históricas³ pelo seu caráter estável, duradouro, quase sempre inalterável, que o qualifica como fornecedor de dados não só para a definição dos níveis arqueológicos, como para uma possível reconstituição do modo de vida das populações pré-históricas se colocado na sua dimensão de meios materiais de produção no processo de reprodução dessas populações. Quando bem definido em suas características, constitui-se elemento de datação relativa das estruturas arqueológicas, destituídas de outras condições de datação, seja absoluta, seja relativa.

A possibilidade de reconstituição da maneira de viver do homem pré-histórico, em si mesma, já seria motivo suficiente para atrair o interesse de um pesquisador dedicado a investigações que possam contribuir para a explicação das origens do Homem Brasileiro, em um momento em que o pré-historiador está sendo induzido a especializar-se em decorrência do alto grau de complexidade atingido pela pesquisa arqueológica.

Entretanto, todo e qualquer estudo da indústria lítica do sudeste piauiense, que se fundamente em um enfoque teórico-metodológico coerente, como o proposto nesse projeto de trabalho, necessário ao avanço da pesquisa pré-histórica nessa área, reveste-se da maior importância, não só para o pesquisador, que o empreende como uma satisfação pessoal, como para o aprofundamento dos conhecimentos sobre os povos primitivos da área pesquisada, com a definição das diferentes culturas que nela se estabeleceram.

O projeto de pesquisa integra uma proposta de trabalho com objetivos e metas mais amplos, já em fase de execução, levada a efeito pela Missão Franco-Brasileira: o Projeto "O homem no Sudeste do Piauí. Da Pré-história aos nossos dias. A interação homem-meio".

Centrado na análise da indústria lítica de três sítios arqueológicos da área de São Raimundo Nonato, quais sejam a Toca da Boa Vista I, a Toca da Boa Vista II e a Toca da Serra do Bojo I, com vistas a uma classificação basilar dos artefatos de pedra, será desenvolvido em duas etapas definidas por objetivos bem específicos.

Inicialmente, o estudo proposto tem como fim:

1. identificar as características da técnica de fabricação dos artefatos líticos e de sua evolução ao longo do processo de ocupação desses sítios pelo homem pré-histórico;
2. estabelecer os elementos técnicos de fabricação dos artefatos como critérios de definição cultural e de cronologia relativa para as estruturas arqueológicas locais, bem como para as externas sem possibilidade de obter datação absoluta, que possuam indústria lítica que guarde relações de similitude com as três em estudo.

Em seguida, objetiva:

1. reconstituir a relação homem-meio;
2. identificar estruturas sociais pertinentes aos grupos pré-históricos em evidência.

Os resultados das escavações sistemáticas realizadas pela Missão Franco-Brasileira no Sudeste do Piauí permitiram levantar um quadro geral da ocupação da área por grupos de caçadores-coletores em tempo bastante recuado até, aproximadamente, 4.000 anos BP⁴. A partir de então, o povoamento da área é atribuído a grupos de agricultores-ceramistas, com vestígios datados de 1.690 ± 110 anos BP na Aldeia da Queimada Nova.

Nessa distribuição temporal das culturas do sudeste piauiense, confirmada por datações absolutas dos seus testemunhos, o período correspondente aos povos caçadores-coletores está de acordo com o atribuído a esses grupos no resto da região nordestina e no centro-oeste⁵.

No que diz respeito ao modo de vida dos povos caçadores-coletores, a partir de seus vestígios, infere-se que seus locais de habi-

tação estavam próximos a pontos d'água, ou distantes, assim como abrigos de difícil acesso eram escolhidos em detrimento de outros de fácil acesso. Alguns apresentam uma longa ocupação, outros não foram mais que acampamentos provisórios. No alto das chapadas, em áreas ao ar livre, estabeleciam suas oficinas de preparo dos artefatos de pedra. Nesses locais, freqüentemente sítios de superfície, os testemunhos líticos atestam quase sempre a utilização do quartzo e quartzito como matéria-prima, enquanto o uso do siltito, do sílex e calcedônia tem menor freqüência. Os instrumentos líticos encontrados, são de uma feitura grosseira nos tempos mais recuados, enquanto apresentam um melhor acabamento nas épocas mais recentes. Outras atividades realizadas no interior dos abrigos dizem respeito ao preparo dos alimentos, atestado por restos alimentares, animais e vegetais, encontrados nas fogueiras, e à arte rupestre, sobretudo a pintura, com cenas de caça ao veado, à onça e a roedores em que são utilizados diversos instrumentos: propulsores, dardos e maças, testemunhando ao mesmo tempo uma atividade de obtenção da alimentação, o tipo de alimento e as armas utilizadas. Outros costumes evidenciados pela arte rupestre são os combates em luta singular, danças ou ritos cerimoniais em torno de uma árvore. Os abrigos eram ainda utilizados para enterrar seus mortos⁶.

Especificamente, na Serra do Tapuio, os caçadores-coletores estabeleceram-se por volta de 10.000 anos BP. São autores de uma arte rupestre classificada em dois estilos: o estilo "Serra do Tapuio" e a variedade "Serra da Capivara" do estilo "Várzea Grande", sendo o primeiro contemporâneo ou ligeiramente posterior ao segundo, cuja área nuclear, na Serra Talhada possui até o momento, as datações mais antigas, não só para a pintura rupestre, 14.000 anos BP, como para a ocupação, 31.000 anos⁷.

Esse quadro da vida dos povos caçadores-coletores, no entanto, não está completo, apesar dos estudos intensivos levados a efeito pelos pesquisadores da área. No nível atual das pesquisas, os dados obtidos ainda não permitiram estabelecer padrões de mudança ou permanência no seio dessas culturas, nem a ocorrência de migrações ou adaptações. A única tentativa nesse particular, partiu dos estudiosos da arte rupestre, que estabeleceram uma área nuclear e áreas marginais, quando, definindo tradições, estilos e variedades, observaram sua distribuição espacial.

A nível das generalizações esse quadro mantém uma uniformidade e uma coerência confiáveis. A nível das particularidades, no entan-

to, apresenta pontos dúbios e questionáveis.

Um dos pontos controvertidos diz respeito ao material lítico. L. OGEL-ROS aponta duas indústrias de quartzo e quartzito distanciadas no tempo: uma observada até 17.000 anos BP e outra evidenciada no período 9.000-7.000 anos BP, contemporânea de uma indústria de sílex e calcedônia, referindo-se, ainda, a uma indústria de siltito como característica do período 14.000-12.000 anos BP pela quantidade de peças executadas nessa matéria-prima. Quanto aos tipos de artefato, divide-os em dois grupos: um mais antigo, constituído de "choppers", lesmas, plainas, facas-com-dorso e facas-raspadores, outro mais recente, composto de raspadores terminais, duplos e semi-circulares, furadores, lâminas e lamínulas⁸, apoiada por G. ROCHA SILVA, com ligeiras restrições⁹.

Estudos anteriores desses artefatos, no entanto, constataram que instrumentos inseridos no primeiro grupo foram fabricados, com técnica bastante refinada, em sílex e calcedônia, enquanto instrumentos do segundo grupo foram encontrados na fase mais antiga da indústria de quartzo e quartzito¹⁰.

Igualmente ao material lítico, a arte rupestre apresenta pontos controversos que têm implicações na ocupação dos sítios da Serra do Tapuio, particularmente na da Toca da Boa Vista I, e por extensão, ao vizinho sítio da Toca da Boa Vista II. L. OGEL-ROS atribui ao estilo "Serra do Tapuio" uma autoria de povos caçadores-coletores, apresentando poucas variações, como a inclusão de alguns grafismos novos e recorrentes e algumas inovações técnicas¹¹. G. ROCHA SILVA, que também analisou a arte rupestre da Toca da Boa Vista I, contrapõe-se àquela autora, acreditando na "...ocorrência de influência de um estilo marginal..." de vez que os "...grafismos não estavam representados em outros sítios...", creditando-lhe uma execução muito mais recente, assemelhando-se à do estilo "Olhod'Água", da tradição "Agreste", atribuída aos povos agricultores-ceramistas (1982:2, 105-6). No entanto, relaciona as pinturas desse estilo às gotas de tinta caídas no nível X da escavação com datação por C_{14} em aproximadamente 5.000 anos BP, situando-as em uma época muito recuada em relação à chegada dos agricultores-ceramistas na região, afastando, assim, a possibilidade de sua autoria por essas populações¹².

Esse ponto poderia ser esclarecido se os pesquisadores de arte rupestre levassem em consideração a possibilidade de que as gotas de

tinta do nível X estivessem relacionadas com as pinturas da variedade de "Capivara", do estilo "Várzea Grande", que, por sua vez, integra a tradição "Nordeste", predominante no sítio, de vez que as duas autoras estão de acordo em que uma das duas superposições observadas, caracteriza duas fases distintas de ocupação do abrigo.

Outro ponto sobre o qual paira controvérsia é o de padrão de estabelecimento das populações caçadoras-coletoras. L. OGEL-ROS, quando faz referência à proximidade das fontes de água e ao acesso aos abrigos, reporta-se à ausência de um critério determinante na escolha dos locais de habitação (Cf.6). M.B.ARNAUD, no entanto, pesquisando esse aspecto da cultura dos caçadores-coletores, observou que as habitações sob rocha distribuem-se de modo variável no interior dos boqueirões ou no alto das chapadas, mantendo "...uma certa preferência pelos abrigos que se encontram ao pé das vertentes ou no fundo dos vales...", levantando a hipótese de que esses abrigos são "...muito mais preservados da luz solar e do calor que os demais", apoiada em uma outra observação, a de que "...a maioria dos abrigos têm suas paredes abertas para o sul, sudeste ou sudoeste". Quanto à localização dos recursos d'água, alude "...às dificuldades de provisãoamento... análogas às encontradas pela população atual..." e a deslocamentos dos grupos de acordo com as estações, "...em função da localização é persistência da água nas falhas das rochas" (1982: 244-45).

Do ponto de vista do estudo dos recursos líticos os dados obtidos sugerem as seguintes hipóteses:

1. A técnica de lascamento da indústria lítica dos povos caçadores apresenta elementos nítidos de mudança, suficientes à caracterização das unidades arqueológicas e, conseqüentemente ao estabelecimento de relações de semelhança ou dissemelhança entre as três estruturas estudadas.
2. Na indústria lítica há um íntimo relacionamento entre matéria-prima, técnica de fabricação e necessidade a ser suprida pelo artefato.
3. Na evolução da tecnologia lítica novas formas são derivadas das antigas, sem que essas sejam abandonadas totalmente.
4. O artefato lítico é um elemento significante na definição espaço-temporal das relações de produção simples, como as que se produzem na pré-história, em que o homem está em relação direta com a natureza.

5. Os artefatos líticos estão intimamente relacionados, na sua evolução, à equivalência nutrição x território x densidade humana, de valores variáveis, mas correlativos, sobretudo no estágio de evolução técnico-econômica correspondente aos caçadores-coletores.
6. Os caçadores-coletores deslocavam-se em trajetos periódicos de um nicho ecológico a outro, nos limites de seus territórios de caça, por eles conhecidos em suas mínimas possibilidades de alimentação.

As estratégias de análise de material lítico para o estabelecimento de uma tipologia baseia-se em formas estabelecidas "a priori". Aplicadas ao estudo do material coletado no Sudeste do Piauí, revelaram-se inadequadas. O material, com características bem particulares forneceu um número considerável de dados só manipulável em computador, uma operação nem sempre passível de realização por motivos alheios à pesquisa em si mesma.

A inadequação dos métodos tradicionais de análise ocorreu em outras áreas da pesquisa arqueológica no Piauí. Para contornar o problema de método, um membro da equipe de pesquisadores desenvolveu o método cenográfico, que se fundamenta nas categorias da cenografia geral, onde "...o termo 'cenografia' é tomado em seu sentido mais amplo e trata do modo como são ordenados os componentes das representações materiais" (A.M.PESSIS, 1982:17). As três categorias em referência são o "registro central", o "registro anexo" e o "registro exterior", correlativas a três níveis de interpretação, respectivamente: o "cenográfico", o "hipotético" e o "conjetural", formulados sob uma perspectiva microcenográfica, inicialmente, e macrocenográfica, em um segundo momento¹³.

A utilização do método cenográfico é pertinente a uma classificação fundamentada em poucos e relevantes critérios, como a que está sendo proposta nesse projeto de trabalho e que será empreendida em uma análise do material lítico, realizada em três fases distintas.

Na fase inicial, ou de descrição dos vestígios líticos, além desse material, serão utilizados trabalhos manuscritos de campo, guias, códigos e dicionários especializados como instrumentos de definição dos elementos caracterizadores da tecnologia lítica e de sua evolução (cenográfico), a fim de que seja possível a definição de níveis culturais mínimos (hipotético), indicativos de uma cultura (conjetural).

Na fase de interpretação, os dados a serem trabalhados serão os provenientes da descrição do material e dos manuscritos de campo e impressos de laboratório, obras instrumentais especializadas sobre o tema, a fim de determinar os elementos da técnica lítica significantes para a definição das estruturas arqueológicas estudadas (cenográfico), possibilitando-lhes uma cronologia relativa (hipotético), extensiva a outras unidades culturais semelhantes (conjetural).

Na fase hipotética, ou de síntese, os dados obtidos na fase anterior serão trabalhados conjuntamente com outros levantados em pesquisa bibliográfica sobre o tema, seja em obras de caráter teórico, seja em obras gerais, a fim de possibilitar o estabelecimento da relação técnica x alimento x nicho ecológico (cenográfico), de uma ou tra mais ampla, da qual a primeira faz parte, a relação nutrição x território x densidade demográfica (hipotético), parte de um todo muito mais abrangente, a relação homem-meio, identificada nos vestígios das estruturas sociais pré-históricas e significativa para a definição espaço-temporal das culturas do sudeste piauiense (conjetural).

As três fases analíticas acrescentadas ao método cenográfico são uma tentativa de adaptação desse método ao estudo das indústrias líticas, de vez que foi desenvolvido para a pesquisa das pinturas rupestres, se bem que com viabilidade de emprego em outras áreas da pesquisa arqueológica.

NOTAS

1. A data mais antiga corresponde ao nível XIX da Toca do Boqueirão da Pedra Furada (nº 73) e a mais recente à Aldeia da Queimada Nova (nº 68).
2. A indústria lítica de diferentes sítios, em diferentes épocas, foi estudada por Maria da Graça Meneses dos Santos, Maria Almira L. Viana, Carmen Fernandez Lannot, Margarida Davida Andreatta, Jacionira S. Rocha, François Manenti e Niède Guidon.
3. LUMBRERAS, Luis Guillermo. La Arqueología como Ciencia Social. México, Ediciones Librerías Allende, 1974, 240 p. "tanto que la Arqueología es el estudio de 'los restos materiales', definimos 'Cultura' como: El conjunto de elementos materiales que definen un nivel de desarrollo de las fuerzas productivas y que, al mismo tiempo, permiten establecer diferencias entre una etnia y otra". (p. 26).
4. Datação aproximada do nível VI do Sítio Toca do Morcego (nº 49).

5. MILLER, Tom O. A divisão do Arcaico. In: SCHIMITZ, P.I.; BARBOSA, Altair S.; RIBEIRO, Maira B., org. Temas de arqueologia brasileira, 2: Arcaico do Interior. III Seminário Goiano de Arqueologia, 24-28, março, 1980, Goiânia. Anuário de Divulgação Científica nº 6. Goiânia, Instituto Goiano de Prê-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, 1980, p. 111.
6. OGEL-ROS, Laurence. Catalogue commenté des figures géométriques de vingt et un sites de la région de São Raimundo Nonato, Sud-Est du Piauí, Brésil. Thèse pour le Doctorat de 3^{ème} CYCLE, 3 v. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1982, v. 1, p. 21.
7. As pinturas rupestres mais antigas foram datadas em 14.300 ± 230 anos BP, na Toca do Sítio do Meio (nº 22).
8. OGEL-ROS, Laurence, op. cit., p. 20-21.
9. SILVA, Gisèle Rocha. Anthropologie Préhistorique de l'Amérique du Sud: Étude de trois abris peints du Sud-Est du Piauí, Brésil. Mémoire pour le Diplôme. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1982, p. 21-22.
10. MENESES DOS SANTOS, M.G. & ROCHA, J.S. Relatório da análise tipológica do material lítico dos sítios arqueológicos do Sudeste do Piauí. Teresina, Laboratório de Arqueologia da PRPPG da FUFPI., 1981, p. 52-55.
11. OGEL-ROS, Laurence, op. cit., v. 3, p. 483.
12. SILVA, Gisèle Rocha, op. cit., 106.
13. PESSIS, A.M. Methode d'analyse des representations rupestres. In: ——— & GUIDON, N. Contributions methodologiques en préhistoire. Paris, Laboratoire d'Anthropologia Préhistorique d'Amérique de E.H.E.S.S., CNRS, Études Américanistes Interdisciplinaires, nº 1, 1982, p. 17-30.

GLOSSÁRIO

Agricultores-ceramistas - povos que praticavam uma agricultura rudimentar em fase de semi-sedentarização.

Área nuclear - zona de concentração das pinturas rupestres de um determinado estilo.

Boqueirões - vales estreitos semelhantes a "canyons".

BP - antes do presente, ou seja, antes de 1950, segundo acordo internacional.

Caçadores-coletores - grupo humano que exercem atividade econômica baseada na caça e coleta, caracterizadora de uma sociedade igualitária, isto é, sem um poder condutor de qualquer espécie.

"Choppers" - os mais antigos instrumentos fabricados pelo homem, são seixos fragmentados por lascamento em uma das extremidades, que serve para bater (martelo), cortar por percussão (machado) ou raspar (plaina).

Cronologia relativa - referenciada por caracteres ordenados em uma seqüência evolutiva, comparáveis a outros que já possuam datações absolutas.

Datação absoluta - obtida em testes físico-químicos realizados em laboratórios especializados, dos quais os mais utilizados são os de C_{14} , radioisótopo e termoluminescência.

Datação relativa - obtida em um processo de comparação entre elementos semelhantes de uma estrutura não datada com os de outra com datação absoluta.

Estilos - definem-se pela técnica empregada na realização das pinturas rupestres.

Estruturas arqueológicas - conjuntos dos elementos que compõem um habitat pré-histórico.

Estruturas sociais - conjuntos de elementos materiais indicadores das formas de relações sociais entre os homens pré-históricos.

Faca-com-dorso - instrumento, em geral, sobre lasca com um gume cortante, com ângulo entre 35° e 45° , oposto a um bordo espesso ou dorso.

Facas-raspadores - artefatos sobre lasca, com um gume entre 45° e 55° que pode servir tanto para cortar, como para raspar. Em algumas ocasiões apresenta dois gumes preparados distintamente para as duas atividades.

Furadores - lasca preparada de modo a formar uma ponta muito fina em uma das extremidades.

Grafismos - os elementos das representações rupestres.

Lâminas - lascas finíssimas, alongadas, mais ou menos retangulares, com um comprimento duas vezes maior que a largura.

Laminulas - lâminas de pequeno porte.

Lesmas - artefatos espessos, com uma base plana, cuja aresta resultante do encontro dorso-base mede, em geral, 80° . Sua denominação provém da sua forma oval alongada, semelhante a uma lesma.

Nicho ecológico - microambiente dentro de uma zona ambiental, onde um grupo humano mantém relações com os recursos e outros grupos com petidores.

Níveis arqueológicos - estruturas de ocupação de um local, que se superpõem umas às outras ao longo do tempo.

Padrões - conjunto de elementos recorrentes em uma estrutura arqueológica.

Plainas - artefatos de grande porte, espessos, plano-convexos como as lesmas, com bordo que mede entre 70° e 80° , e, como aquelas, servem para raspar.

Raspadores terminais - lascas espessas com um bordo ativo preparado, que mede entre 55° e 70° , localizado em uma das extremidades da lasca. Diferencia-se das plainas por ter um porte menor.

Raspadores duplos - artefatos elaborados para raspar com dois bordos ativos, laterais ou latero-terminal.

Raspadores semicirculares - raspadores com três bordos em semicírculo.

Tradições - definem-se pelos traços fixados culturalmente no seio de um conjunto de representações rupestres.

Unidades culturais - conjunto de padrões recorrentes.

Variedades - agrupa sub-tipos de um estilo, nos quais coexistem critérios variados. Trata-se de um instrumento de trabalho, não de uma categoria.

BIBLIOGRAFIA

1. ARNAUD, Marie-Bernadette. Les sites préhistoriques de la région de São Raimundo Nonato, au Sud-Est du Piauí, Brésil. Localisation et repartition géographique. Memoire pour la obtention de diplôme. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1982, 255 p.

2. GODELIER, M. Economias e sociedades: abordagem funcionalista, es-
truturalista e marxista. In: ASSIS CARVALHO, Edgard, org. Antropologia econômica. 1ª ed. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978, p. 45-83.
3. GUIDON, N. Peintures rupestres de Varzea Grande, Piauí, Brésil. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud, n° 3, 1975, 174 p.
4. KI-ZERBO, Joseph org. História Geral da África, v. 1: Metodologia e Pré-história da África. São Paulo, Ática, UNESCO, 1982, 863 p.
5. LEROI-GOURHAN, A. A Pré-história. 2ª ed. São Paulo, Pioneira, EDUSP, 1981. 331 p.
6. ——— . Le geste et la parole. Technique et langage. 2ª ed., Paris, Editions Albin Michel, Col. Sciences d'Aujourd'hui, 1971, 323 p.
7. LUMBRERAS, Luis Guillermo. La Arqueología como Ciencia Social. México, Ediciones Librerías Allende, 1974, 240 p.
8. MARTIN, G.; AGUIAR, A.; TADEU, P.; VICTOR, P. Estudos de arte rupestre em Pernambuco. A "Pedra Furada" em Venturosa. Clio, Recife, UFPE, v. 4:19-34, 1981.
9. MENESES DOS SANTOS, M.G. & ROCHA, J.S. Relatório da análise tipológica do material lítico dos sítios arqueológicos do Sudeste do Piauí. Teresina, Laboratório de Arqueologia da PRPPG da FUFPI, 1981, 97 p.
10. MIRANDA, Avelino F. Notas sobre os habitats dos horticultores do centro-sul de Goiás. In: SCHIMITZ, P.I., org. Estudos de arqueologia e pré-história brasileira. Pesquisas, Antropologia, n° 31, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1980, p. 165-183.
11. MISSÃO Arqueológica Franco-Brasileira. Methodologie de la recherche archeologique au Nord-Est du Brésil. Rapport d'activité 1980-1981. Paris, CNRS, RCP 394, 136 p.
12. OGEL-ROS, Laurence. Catalogue commenté des figures géométriques de vingt et un sites de la région de São Raimundo Nonato, Sud-Est du Piauí, Brésil. Thèse pour le Doctorat de 3ème CYCLE, 3 v. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1982, v.1:1-192; v.2:193-394; v.3:395-555.

13. PELLERIN, J. Compte rendu de mission géomorphologique dans la région de São Raimundo Nonato. Caen. 1979, 15 p.
14. PEREIRA DA COSTA, A.F. Cronologia do Estado do Piauí. 2ª ed., Rio de Janeiro, Artenova, 1974, 212 p.
15. SCHIMITZ, P.I. A evolução da cultura no sudoeste de Goiás. In: _____ . Estudos de arqueologia e pré-história brasileira. Pesquisas, Antropologia nº 31. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1980, p. 185-225.
16. SCHIMITZ, P.I.; BARBOSA, Altair S.; RIBEIRO, Maira B., org. Temas de arqueologia brasileira, 2:Arcaico do Interior. III Seminário Goiano de Arqueologia, 24-28, março, 1980, Goiânia. Anuário de Divulgação Científica, nº 6. Goiânia, Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, 1980, 123 p.
17. SERVICE, Elman R. Os caçadores. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1971, 148 p.
18. SILVA, Gisèle Rocha. Anthropologie Préhistorique de l'Amérique du Sud: Étude de trois abris peints du Sud-Est du Piauí, Brésil. Mémoire pour le Diplôme. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1982, 217 p.
19. WILLEY, Gordon R. An introduction to american archaeology: South America. v. 2. New Jersey, David M. Schneider, 1971, 559 p.